



O teatro como exercício da alteridade

Espectáculo “A Ver Estrelas” tem o mérito de se deixar a narrativa de contaminar pelo espírito e a inventividade dos jovens

Por Gustavo Rocha

Entre ficar a ver estrelas e navegar, o espetáculo “A Ver Estrelas” - parceria entre o Centro de Pesquisa Teatrais (CPT) e o Colégio Nossa Senhora das Dores, dirigido por Régis Santos -, opta pelos dois. A peça se apresentou dentro da programação do importante Festival Estudantil de Teatro - FETO, nesta quinta, no Colégio Nossa Senhora das Dores para um plateia mesclada entre alunos da escola e jovens artistas que vieram a Belo Horizonte para participar da programação do Festival.

Em um palco “pelado”, sem cenário, os jovens atores e atrizes manejam com muita inventividade recursos cênicos simples (não é o mesmo que simplório) para contar a história do garoto Jonas e suas elocubrações oníricas que envolve personagens fantasiosos, multiplicações do seu próprio “eu” e uma jornada para devolver a rosa dos ventos que foi deixada em sua casa. A movimentação dos atores, que assume o tempo todo que os jovens estão fazendo teatro, remonta ao princípios do teatro épico de Bertolt Brecht, que busca um palco aberto, sem mistérios, para o começo de suas narrativas cênicas.

Com a dramaturgia de João Falcão - rica em jogos de palavra, algo tão premente na rotina de crianças e adolescentes - o espetáculo assume uma narrativa não-linear e fantasiosa que desafia a plateia a se engajar de diferentes maneiras. Parece que para além da compreensão ou da mensagem que deseja deixar (ao fim da apresentação, era possível ouvir alguns jovens espectadores dizendo que não entenderam muito bem a peça, mas a cara boa deles era mais importante), o espetáculo deseja compartilhar a capacidade imaginativa dos jovens, com seus sonhos, inseguranças e desafios no processo de começar suas próprias vidas e narrativas.

Aí, entra o principal mérito da montagem: deixar que o espetáculo tenha a cara daquelas que o encenam. Isso é, deixar que uma peça feita por jovens adolescentes traga as características intrínsecas a eles. O teatro, para jovens em formação (e até para os grupos profissionais), tem a riqueza do encontro das diferenças. Uma alteridade que pode ser posta em prática desde muito cedo e que pode sim formar um olhar social mais complexo, mais humano, mais acolhedor. E isso pode ser feito de maneira lúdica, divertida, jovem, teatral (!).

É um alento ver os jovens intérpretes tão à vontade, divertindo-se tanto ao contar a história de Jonas. Vale ainda destacar que a protagonista do trabalho é uma menina, interpretando Jonas. Outra importante função do teatro: colocar-se no lugar do outro



e entender o lugar de fala de outrém. Seja ela (ele), homem, mulher, LGBT, negro, indígena, pobre...

É difícil dizer se algum dos integrantes do CPT seguirá carreira artística, mas desconfio que a experiência da convivência criativa colocada em prática coletivamente será fundamental para formar médicos, professores, advogados, comerciantes, cientistas sociais melhores. E na semana do segundo turno de eleições tão marcadas por notícias rasas e falsas, pela disseminação do discurso fratricida e de ódio, da ideia de “eles contra nós”, arrisco a dizer que a experiência COM o outro que o teatro é capaz de ocasionar poderá fazer com que também tenhamos eleitores melhores, menos raivosos e menos motivados a votar pensando apenas nas suas questões.